

## Ensinar também é aprender

**Tita Costa**  
42 anos  
Artista, professora

### A imaginação ao poder

**Depois de finalizar o curso de Belas Artes no Porto e de ter iniciado o seu percurso artístico, foi para Inglaterra estudar no princípio dos anos noventa. Que experiência retirou do sistema educativo britânico?**

Uma das facetas do sistema educativo britânico que melhor recordo, embora pela negativa, é o chamado *ranking* das escolas. De acordo com o que foi dado a perceber, é um método de avaliação que pode criar distorções na rede porque privilegia a avaliação do desempenho das escolas em função de áreas académicas como as línguas e as ciências. As escolas localizadas em meios desfavorecidos, por exemplo, muito frequentadas por miúdos de minorias étnicas, ocupam geralmente os lugares abaixo da tabela. O mesmo se passa com as escolas vocacionadas para o ensino artístico, que não apostam tanto no ensino académico e ficam habitualmente classificadas nos últimos lugares. Faz-me confusão pensar que miúdos com talento possam estar a ser desperdiçados. É uma pena?

**Actualmente é professora de Educação Visual e Tecnológica numa escola particular de inspiração inglesa. De que forma é ali abordado o ensino artístico?**

A disciplina que estou a leccionar não é Educação Visual e Tecnológica, chama-se Arte e, de certa forma, combina as duas vertentes. Sou responsável pelas turmas de 6º, 7º e 8º anos e dou um pouco de História da Arte ao 11º ano. É uma escola que terá certamente melhores condições materiais do que uma escola pública, mas é sobretudo a metodologia de trabalho que a distinguirá das outras, porque incide nas aulas práticas e na pesquisa. Quando se trabalha um determinado pintor, por exemplo, recorre-se à biblioteca ou à consulta da Internet, não ficamos apenas pela aula. Além disso, as turmas são mais pequenas o que permite, à partida, um melhor processo de aprendizagem.

**Quantos alunos têm em média as turmas que orienta?**

Entre 12 e 16 alunos.

**Tornou-se professora por vocação ou como complemento da carreira artística?**

Há um sábio chinês - ou indiano, não me recordo ao certo -, que diz que ensinar também é aprender. E eu estou a ter essa experiência. Quando olho para trabalhos dos meus alunos não deixo de pensar que alguns podem não estar como eu queria do ponto de vista técnico, mas acho-os tão bonitos e expressivos que questiono até por vezes algumas das técnicas que aprendi. E por vezes sinto mesmo a influência dessa liberdade no meu próprio trabalho. Uma das minhas mais recentes exposições, que actualmente está em itinerância por algumas localidades do interior transmontano, foi feita com papel comum e pastéis de óleo, materiais não utilizados habitualmente, e fi-lo com muito gosto. E essa influência não se limita à questão artística, estende-se igualmente à cultura geral e ao mundo que nos rodeia. Se eu hoje sei quem é a Cristina Aguilera [uma famosa cantora pop] aos miúdos o devo. Essa faceta também é importante?

**De que forma pode o ensino artístico servir como potenciador das restantes aprendizagens?**

Em alguns miúdos a arte pode funcionar como uma forma de auto-estima. Podem não ser tão bons a português, a matemática ou a ciências, mas até desenvolvem uma apetência pela pintura, música, ou mesmo pela ginástica, e essa auto-estima pode ajudá-los a ter um melhor desempenho, porque até fazem coisas giras, porque têm o trabalho exposto na parede, e isso é muito importante. Desde miúdos que somos habituados a ouvir 'não faças isso; porta-te bem; não pintes nas paredes?? Ora, tem de haver um momento em que os miúdos se possam expressar de forma absolutamente livre em termos artísticos, e o local apropriado é a escola. É muito importante que essa curiosidade e liberdade sejam incentivadas porque é uma forma de os miúdos ficarem com o 'bichinho' e a partir dele desenvolverem a criatividade.

Entrevista conduzida por Ricardo Jorge Costa

## Vai uma camisola de pelo de cão?

A tapeçaria é uma das paixões de Tita Costa. Quando esteve a estudar em Inglaterra conheceu uma comunidade de tecelãs que, além de outras técnicas, a ensinaram a fiar pelo de cão. Um material pouco comum aos olhos dos mais cépticos, mas que pode ser utilizado para a fabricação de uma série de produtos como tapeçarias, casacos ou camisolas. A tradição remonta aos índios nativos americanos, que, antes de os ingleses ali terem introduzido o carneiro, no século XVII, utilizavam este material como base para a confecção de tapeçaria tradicional e do próprio vestuário.

?As pessoas perguntam-me se eu ando por aí a tosquiar os cães, como se faz aos carneiros?, comenta Tita Costa em tom de brincadeira. Mas não é assim tão simples. A técnica exige que a matéria prima seja cardada a partir de cães de pelo longo, como os Serra da Estrela, sendo posteriormente lavada e fiada. Depois de finalizada, a peça torna-se impermeável e, garante a própria tecelã, é ?muito quentinha?. Apesar de ser uma técnica ainda utilizada em alguns países anglófonos, como os Estados Unidos, a Grã-Bretanha ou a Austrália, está a cair em desuso. Por isso, garante Tita Costa, quem estiver interessado em aprender a técnica pode contactá-la.